

Špánková, Silvie; Alegre, Manuel

Alegre, Manuel (1936): Jornada de África (1989)

In: Špánková, Silvie. *(Des)colonização na literatura portuguesa contemporânea : breve antologia de textos literários e ensaísticos com atividades*. 1. vyd. Brno: Masarykova univerzita, 2014, pp. 7-9

ISBN 978-80-210-7053-0; ISBN 978-80-210-7056-1 (online : Mobipocket)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/130525>

Access Date: 25. 03. 2025

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

PARTE 1: TEXTOS LITERÁRIOS

Alegre, Manuel (1936): *Jornada de África* (1989)

Uma das narrativas com a temática da guerra colonial que conta as peripécias de Sebastião, enviado para a frente de combate em Angola. O interesse do romance, para além de uma ficção bem construída e assente na suspense, consiste na reflexão cultural e ideológica do fim do império.

Ei-lo de cinto apertado, os olhos na pista e o credo na boca. Já o avião vai no ar, agora toma altura, pode ver-se o casario, o Tejo, a Torre de Belém mais um velho meneando três vezes a cabeça descontente. O melhor é não ligar, senão começa a assobiar em decassílabos. É o ritmo da partida, quer se queira quer não. A que novos desastres, ai que gaita, a que novos desastres determinas de levar este reino e estas gentes. Não há nada a fazer, esta é a métrica, de nau ou de avião é a mesma coisa. Podia estar a dar o salto, mas aqui vai. Há muito que a tribo não tem senão uma vida vidinha. Talvez acredite no acaso, talvez o destino esteja a passar por ele com seu apelo e sua nau S. Gabriel sob a forma de um avião onde, agora, diz a hospedeira, já se pode desapertar o cinto, recostar a cadeira, acender um cigarro.

Passam imagens que não fixa, a casa velha, o pião, a bilharda, o jogo, o cobertor de papa, o pesadelo, a noite e seus fantasmas. O ruído, o rato. Novembro e seus crisântemos. O cheiro a morte e cemitério. A febre: a vela ardendo por dentro da cabeça. Os sinos, sinos. A chuva, o xaile, o chá. Lixívia. O cheiro a enxofre e criolina, o falar baixo na cozinha. A lenha estalava no fogão de sala. E a vela na cabeça: aí está ela. A chama quase se parte, de repente fica muito direita. A cabeça enorme, febre. Ou só cansaço? *Para Angola e em força.* Os óculos na ponta do nariz, o dedo apontado. Deve ser do avião, pensa, mas se calhar não, é ele que está em fífia. O melhor é respirar fundo. Ora aí está. Endireita-se na cadeira: a seu lado vai Jorge Albuquerque Coelho, ex-ponta-esquerda da Académica, companheiro de quarto em Mafra. Dorme profundamente. Nome de Alcácer, como o seu. Coincidência, acaso? Kairos, dizem os gregos. Prefere o poeta: o acaso é um cavalo da cor do vento. Sim, é essa a cor do cavalo a cavalgar no areal distante, com ele seguia Cristovão de Távora e mais à frente Luís da Silva, o conde-de

Vimioso, Jorge Albuquerque Coelho (o outro, o mesmo?); D. Francisco de Portugal, D. Fernando de Mascarenhas e o duque de Aveiro. Com o ímpeto que levavam, el-rei e o duque romperam pelos esquadrões de infantaria dos mouros, João Gomes Cabral foi o primeiro do cavalo que caiu morto antes de el-rei dar Santiago.

(ALEGRE, Manuel. *Jornada de África*. Lisboa: Dom Quixote, 1989, p. 26–27)

Atividades:

1. Defina as coordenadas espaciais e temporais, identifique as personagens e situação em que se encontram.
2. Repare nestas alusões: a torre de Belém mais um velho meneando três vezes a cabeça descontente, nau S. Gabriel, nome de Alcácer. Como pode interpretá-las? Procure os devidos intertextos.

Nos cais de Lisboa as mulheres gritam, arrepelam os cabelos, algumas enrolam os filhos nos seus xailes, se pudessem escondiam-nos ao colo, outra vez pequeninos e só delas. Os pais passam em silêncio os dedos pelas fardas, não conseguem quebrar o pudor masculino do gesto e da palavra, mesmo que lhes apeteça agarrar nos filhos e protegê-los com seus braços. Tempo de lenços a acenar, xailes negros, lágrimas, rugas, ó mar salgado, quanto do teu sal. Vão-se os navios pela barra fora, Lisboa tem suas barcas, lá mais para diante, na praia do Restelo, continua um velho de aspeito venerando, meneando três vezes a cabeça descontente, ó glória de mandar, ó vã cobiça. Tropas do Quinto Império, embarcam na *Mensagem*, não n'Os *Lusíadas*, a cada tempo o seu cantor e o seu profeta, já foi a hora da grandeza, esta é a hora absurda.

(ALEGRE, Manuel. *Jornada de África*. Lisboa: Dom Quixote, 1989, p. 179)

Atividades:

1. Desenvolva o diálogo intertextual aqui instaurado. Para que fins é utilizado?

Sentado no jipe, a caminho de Quipedro, o Poeta lê, perplexo, a mensagem de Sebastião:

Talvez o Quinto Império seja afinal o fim de todos os impérios. O Grande Império do Avesso, o Anti-Império. E talvez seja esse o único sentido possível desta guerra: fechar o ciclo. Talvez tenhamos de nos perder aqui para chegar finalmente ao porto por

achar: dentro de nós. Talvez tenhamos de não ser para podermos voltar a ser. Há outro Portugal, não este. E sinto que tinha de passar por aqui para o encontrar. Não sei se passado, não sei se futuro. Não sei se fim ou se princípio. Sei que sou desse país: um país que já foi, um país que ainda não é.

(ALEGRE, Manuel. *Jornada de África*. Lisboa: Dom Quixote, 1989, p. 231)

Atividades:

1. Faça uma reflexão sobre a problemática do mito do Quinto Império. Como é possível, nesta perspetiva, interpretar a missão da personagem de Sebastião? Como se lê o próprio sentido da guerra?